CARLOS PARREIRA

A ESMERALDA DE NERO

(RÉZAS D'ESPUMA E DE SARCASMO)

EDIÇÃO DA
« RENASCENÇA PORTUGUESA »
PORTO

Fernando Pessôa

Com muita consideração
pelo seu belo Talento
e a mais fraternal
estima
Att.º
Carlos Ferreira

Cabo Verde
Praia
Maio 10 1915

Direitos reservados

A ESMERALDA DE NERO

CARLOS PARREIRA

A ESMERALDA DE NERO

(RÉZAS D'ESPUMA E DE SARCASMO)

EDIÇÃO DA
RENASCENÇA PORTUGUESA
PORTO

On ne doit jamais écrire que de ce qu'on aime

Renan — Souvenirs
d'enfance et de jeunesse

I

TÉSE SOBRE O HUMOR

Ao Ribeiro Lopes

O humor devia ter nascido duma contracção dolorida.

Foi no Egypto, o doce escultor das figuras imoveis e monótonas, o terno constructor dos tumulos. Um dia um desprezivel camponez, que lavrava as ceáras, teve de curvar o dorso ruivo á vergasta de palmeira, por não poder pagar o dizimo das colheitas. E a dôr sentida foi tão brutal que o rictus convulsionado da mascara se lhe converteu numa hilariante pantomima de galhofa. Então um rir estridulo rasgou na face do seu dono uma gruta enorme de sombra, e, encantado, o senhor mandou suspender o castigo.

O humor estava creado. E assim o humor começou descrevendo pelo mundo a sua trajetória inexoravel, devastadora.

Mais tarde, na India, elle protegia o misérrimo sudra do brahmane despótico, e, depois de ter produzido, na Judeia, a indecisão e o medo de Poncius Pillatus, o humor contribuiu em França para se instituir a guilhotina.

Em 93, em 48, os craneos rolando numa expressão macabra e pitoresca, o que eram senão pequeninas crispações, mômos impossiveis, sobresaltos elásticos do humor, contagiando tudo da vivacidade espumea, da ironia alérta e subtilima que os ceramistas etruscos acharam para os seus frisos?!

Elle inventou Ariosto, Arlequim, Voltaire, Cervantes, o jardineiro Karr, quixote dos paradóxos ligeiros, sancho pansa dos tratados de floricultura. E quantos mais!...

Como os miopes vêem as flambagens noturnas das luzes rodeadas duma névoa caustica, mordente que as epileptisa, elle olha pra uma Dor e transfá-la num Esgáre; e os gritos, as lagrimas, as coleras, os odios azues-lividos, os soluços esfibrantes, na sua pupila daltonica abrem-se ao ar em loiras corólas de risos, em couplés de Offenback, raivasinhas mansas e flatulencias.

O

O humor creou os cerimoneaes e a etiqueta que fez das realezas manequins irrisorios. Quando Philipe III d'Hespanha, por causa da etiqueta, se deixou queimar por um *brasero*, o humor, invisivel no ambiente magestatico, ria voltaireanamente. O humor deslocou a essencia

religiosa das procissões introduzindo-lhes o *vaudeville* dos «anjos».

E porque é que, pela Semana Santa, se perde de todo a ideia dum Jesus de bondade, crucificado para nos redimir? — porque veio o humor e transmutou-o num pingue manancial dos confeiteiros. Elle surripiou aos enterros o seu «fato solemne», creando o chapeu alto e a sobrecasaca preta. O humor, emfim, foi á face da Tragedia e besuntou-a dum vermelho imprevisto, esfusiante, mas na da Farça traçou toda a sorte de arabescos tristes: de maneira que nas nevropathias contemporaneas não ha olhar, por mais aguçado, cujo frenesi analitico diferençá-las agora consiga.

E irremediavelmente se ha-de ir Hoje misturando o sonho com as materialidades, a magua com o ridiculo, o amor com a descarga dos sentidos.

I

Aquelle cadaver rigido no seu caixão, que atravessa, como uma cicatriz imensa e lassa, a fisionomia sem inteligencia das ruas e sob o nojo das janelas, onde suam todas as ignominias e sujas sensualidades dos «interiores» — esse resto de idealista tem uma historia.

Eu não vou agora, encostando-me aos

velhos processos, dizer — que a encontrei no espolio dum mendigo, morto no hospital. A razão é por não acreditar que *elle* ou qualquer outro se sujeitásse a escrevê-la. *Esse* apreciavel estilista não se preocupava com futilidades; redigiria antes uma «petição», dizendo-se — operario despedido pelas suas ideas republicanas; passava-a ás portas com a sua politica e seria presidente dum *centro*, onde depois demosthenisaria a grossas diatribes, o capital e o *patrão*.

Foi hontem no teatro, aonde me levou a halucinação deliciosissima de nunca deixar de vêr a tua graça clara de britanica, desabrochada ao sol peninsular — foi hontem que eu a inventei. No logar ocupado por ti a noite passada, um busto incaracteristico tinha gestos viscosos de salamandra.

Embora! eu sentia na pélle o teu halito de flor, os olhos reviam o meigo tom do teu vestido lilaz e o meu ouvido bebia no ar sonóro a tua religiosa voz onde ha reflexos flávos de joia, emoliencias de luar e embalos de musicas veladas.

Tu aparecias-me toda, radioso facho de perfeição, nas tuas minimas atitudes — primaveras precóces onde ha risos d'amendoeiras —, tu, que és um tanto joia, perfume, musica, luar. Um burguez que exhalava um cheiro torpe a gorduras e a cavalariça, irritava-se com a

minha mascara d'artista, perfumada a trevo e a pó d'arroz. Entanto iam entrando dos adulteriosinhos, dos spasmosinhos e das extravaganciasinhas nas alcovas mediocres de Marcel Prevost, as mulheres de Maeterlinck, com fundo d'estopa em vez de fundo moral, serpentinando a murcha hesitação dos seus corpos de'*tites amies* de convento: e no encalço lhes vinham os homens vulgares de Octave Feuillet, que falam de virtude fechando os olhos e com as preocupações, com as dedicações e o mysticismo lodoso de Mr. de Camors. E umas e outros, todos elles levitas grosseiros do Deus Phalus, moviam em póses de galhofa, as figurinhas nostalgicas de regressão. Então deante destes homens e destas mulheres — pretextos alegres para uma nacionalidade pretendidamente civilisada — um desfalecimento me entrou na alma, se me alastrou na sensação e eu assistia agora ao enterro dos meus sonhos, dos meus horisontes, dos meus enthusiasmos. Ah, tudo finda!

E ephemeras, vivas, dum catitismo desconjuntado, maneiras fininhas, cheias dum picante féro e epigramatico, duas figuras surtem em passo humoristico de dansa, fascinando o olho de periquito meditabundo dos espectadores.

O' corpos amaciados para satisfazer a gula tôrva das cóvas! Mais tarde, quando passos indiferentes arrastarem a sua atonia por entre

os cemiterios; dos jazigos, das simples lousas terra-á-terra, das cruzes humildes e elegiacas ha-de saír um murmurio timido, como um alvoroço discreto de creaturas palidas e maceradas, que falam baixo, que riem baixo e olham a susto.

Nas lousas súplices, enchendo de vago medo, irritando com a sua impassibilidade de mascarão, de traz de que não ha nervos, nem claras sensações, nem energias, nem o rútilo sangue; naquelles jazigos dum luxo tagarela, vêem-se uns nomes. E é tudo o que resta dos vossos frenesis creantes, das vossas grimacerias, das noites de gloria e das angustias pela estupidez irremovivel das plateias, ó comicos!

Estes pensamentos foram, ó Unica, o germinal que em mim fecundou a visão desse idealista no seu esquife, resvalando alem, com a sua historia... como essas imagens d'espectros angustiosas, duma sensação doentia alevantadas por certos poentes côr d'absinto palido e folhas sêcas.

II

«Agora que eu a seguia, as suas toiletes eram sempre cassas graceis, fazendas ligeiras de tons ternos dando-lhe um ar de *confiture* preciosa, irrompendo de papeis de seda.

E o seu cinto a fios d'oiro de fábula oriental! com entrelaçamentos, folhagens e tonalidades matutinas d'azas hieraticas; o seu cinto onde sonham, num fundo de gloria, poentes d'outubro condensados e auroras de carnes puras de creança, envolvendo de cambiantes moreno-doiradas a sua juvenilidade gracilima de magra!

Mas bem me lembro de tê-la encontrado já, ainda em saias curtas de bambina precoce. Os seus estofos eram então dum preto austero.

Nostalgias d'inverno quando a natureza veste o albornoz das brumas passionaes e os pungitivos ceus esfiam o pranto da chuva — Niobe esmanchando as tranças dolorosas... Nas teorias imbecis e azafamadas de chapeus abertos pingando, homens de galocha e esculturas sem arrojo de galateias bisonhas, ella punha um destaque maravilhoso de frescura, com os seus gestos em curva, derramando claridades pelo ar, como esses esmaltes cheios de caracter que nos chegam das manufacturas chinezas, seu melodioso perfil de Cecilia de Mantua, da medalha de Pisanelo; vivaz como o champanhe — essa bebida esvelta e pagã em cujo capitoso ambar residem não sei que remeniscencias da alma grega, phantasmagorias, Deus o sabe! de Páris e Helena, cujos corpos músicos se enroscam e sugam, em frenesis doridos.

O

Onde sobretudo a minha admiração gosta de contemplá-la é no teatro, por ella ás vezes enobrecido com a sua presença. Ali, no imenso navio sonóro, que os burguezes apulhastram, com seus dichotes fulvos de marujos, eu sou excessivamente feliz e desgraçado, conforme ella é afavel, consoladora, cortante, desdenhosa. Um sabado, por casualidade, ficámos juntos, a minha cadeira logo atraz da sua. Deus justo! Eu tinha-a ao alcance do meu braço sem que um sequer dos meus desejos — todos de pureza — a podesse aflorar. Ah, mas tendo-a perto foi um orgulhoso remarcar das suas perfeições. A sua fronte soberana parece ter emigrado, luminosa e suprema, dos *magazines* d'arte; basta fixá-la, e rapido, na lanterna magica da memoria perpassa a caravana melodiosa das grandes figuras dramaticas: Theodora, Phedra, Margarida Gauthier, Lady Macbeth, Julieta, Electra, Ephigenia, Antigona; as creaturas que as *realisaram*, plasticas e vivas, com a sua vida noturna de estremecimentos, combates, de amores, de delirios, as dynamisaram entre paredes mal juntas de lona ficticia, apenas com a energia halucinatoria dos seus nervos suprasensiveis: Sarah Bernhardt e Eleonora Duse, da *vecchia* Italia do melodrama.

Um pouco Duse nas atitudes, ella guarda,

certos momentos, a expressão extática de quem recorda phrases esteláres e um calafrio d'arte parece que lhe percorre todo o corpo, torna incoercivel a linha ritmica do seu perfil de Billy Burke.

E a esvelta florescencia das suas mãos! as suas mãos que sugérem, segurando o leque, as *fêtes* delicadissimas de Watteau! Mãos inquietas e hiper-sensiveis que tendes a maciesa das rosas-chá e onde as veias, as pequeninas veias lembram os filamentos d'oiro dos crisantemos, mãos que Balzac celebraria, mãos para erguer a resa convulsa dos violinos — esses Leopardis do som — mãos para tocar Beethoven e as melodias elegiacas de Schumman... pudesse eu sentir-vos poisar na febre a 39.° dos meus olhos e debelar-m'a! Ah, seres tu a minha mulher!... — e nos jornaes diriam que em tais noites, tal teatro, uma mensageira do Bello daria tantas récitas... tu que possues a excelsa nevróse das grandes sensações imorredouras e uma curiosidade superiormente inteligente e intranquila de sublime, entrarias, anciosa, no camarote; eu desapertava-te o *bournous* de Serenissima Infanta, bordado *à jour*, e, como um suor imundo, exhalar-se-iam da pelle alcachinada da multidão, para a tua loira graça de veneziana, os murmurios toscos e neutros que o meu orgulho nunca escuta...

Esse sabado, porém, nunca se fixaram em

mim os teus olhos inconstantes. De redor, palmas saudavam no seu *begaiement* imbecil, não sei quê. Tinhas partido e, crudelissima, nem te voltáras uma vez unica para me vêr.

. . . . . .

. . . . . .

Sou o Barba Azul, olé,
Ser viuvo é meu filé . . .

Então, horas altas, no meu quarto de terceiro andar, quando a Noite dorme, toda nua, estendida ao luar das planicies, triste mulher de seios infecundos, cuja respiração povôa d'enigmas os echos dos valados e de cuja cabeleira de musa trágica se desprende, dirieis, a inquietação das sombras carbonosas...— sempre que eu recórdo os teus desdens ou a fluida meiguice dos teus profundos olhos crepusculares, onde esmaecem *longes* de paisagens —a voz do meu visinho, roufenha, congestionada, resumo da vida grosseira, miseravel, crapulosa, irremediavelmente, a voz detestavel saltita:

Sou o Barba Azul, olé,
Ser viuvo é meu filé . . .

E esta perseguição sardonica hade levar-me ao suicidio.»

Dezembro de 1909

POR UM CREPUSCULO SENTIMENTAL

Ao Mario Beirão
e Villa-Moura

« . . . car l'artiste réel est celui qui va, non du sentiment à la forme, mais de la forme à la pensée et à la passion. Parfois le monde crie contre quelque charmant artiste poéte, parce que, pour se servir de la vieille phrase niaise: "Il n'a rien à dire„. Mais s'il avait quelque chose à dire, probablement le dirait-il, et le résultat serait ennuyeux. C'est justement parce qu'il n'a aucun nouveau message qu'il peut faire une belle oeuvre.„

(Intentions — O. Wilde)

— "Emilio Freire. . .„

— Simples amanuense?

O meu amigo fixou por um momento a fisionomia bronca do Largo e depois de ter o sorriso em losango, automatico, que vem nos cartazes das marcas de charuto, voltou para mim os olhos leaes, corrigiu:

—"Simples romantico.„

Houve um intervalo em que o meu amigo se levantou para falar a um rapaz côr d'açafrão, panamá tristonho — que só admitia talento

num escritor quando trajasse cheviote lagarto e achava, por exemplo, muito mais apetite numa gravata *desespero d'opala* que em qualquer periodo dos Goncourt — carne endolorida que o delirio remórde, fibra a fibra. A sombra vinha-se desagregando dos cimos, lôbrega, estrangulante, como um miasma do sol, cujo cadaver apodrecia, lá longe, entre coágulos de purpura e ruivo alaranjado. Ha pouco ainda, havia para além, nas janelas, pequeninas crispações luminosas de pontas acêsas de cigarro, agora os prédios conservavam atitudes lancinantes de viuvas cobertas de luto. Mas breve, sôb o magestatico erguer das luzes, os andares resplandeceriam de nuances estridentes, auroras de risos e uivos de pianos: assim as viuvas enterram bem fundo, nos armarios, as suas crépes, para a reprise ideota do casamento.

Eu comparava o largo a um salão grotesco de *sociedade de recreio* e os burguezes a inverosimeis pares balançando-se ao som estrepitoso duma valsa, ganida em exhaustinadas guélas de quartteto.

Emtanto perseguia-me o desejo ruivo de encontrar para lá das cadencias angulosas, dos gestos magros ou gordos, murchos ou crespos das outras mulheres, a geometria suprema dos teus gestos... e, sobrelevando á sarabanda monotona dos seus corpos, á teoria libidinosa

dos seus cabelos, á lascivia desabusada dos seus olhos — cadélas que se espojam, em desfalencias, por todos os esgotos e imundicies — os homens... a gracilidade lilaz do teu corpo, divino himineu d'espumas e rosas-chá, cantico dos canticos da carne, todo em suspirosas cadencias de epiderme e extasis azues de veias, duma magia rútila e febricitante, como a chimera ultima, estatuisada, dalgum doce artista, morto na manhan sofredora da sua obra; e os teus constelados olhos de pubere que parecem feitos de musicas e lethargias, d'espelhamentos d'aguas e fulvos soes de meio-dia; e os teus nimbados cabelos de Julieta, orgulhosos por saberem todos os intangiveis sonhos, visualidades translucidas, loiros projectos e devaneios de colibri, que formam o dia-a-dia do teu cerebro.

Ah, neste crepusculo que a melancolia inenarravel das arvores apenas sentimentalisa, resando o *miserere* pungente das suas nostalgias d'ar livre, confrange-me a idéa de que nunca mais te verei e tu serás perdida para mim. E outro pensamento mais cruel se vem juntar, dizendo lithanias roucas, ao cortejo de duvidas e desesperanças que me passa e repassa no espirito: se por acaso nesta multidão brutal, atropelando-se, empurrando-se, esbaforindo-se aqui perto, propulsionada por mesquinhos afazeres e necessidades miudas, não

irá resvalando, triumphador — *o teu marido d'algum dia!*

Mas, impossivel. Oh, a tua sensibilidade é uma triplessencia dos cristaes, das joias, das flores e dos perfumes; nos teus silencios presinto atitudes magistralissimas d'arcos de violino, vibrando, calafriados de celestes, luminosas harmonias, e devem helenisar as tuas aspirações, vislumbres d'existencias angelisadas d'arte, ethereaes amores, horas lilazes, em que os dedos se procuram, os olhos têm bôcas ciciosas e as almas se enlaçam, dão beijos, tranzidas de *audelà*, entre os veludos das penumbras...

O teu noivo, por conseguinte, ha-de ter a superioridade dum deus-da-terra, lucido atheniense da vida alta, voluptuoso e casto, mystico e pagão, Lohengrin hamlético do amor.

Burguezes que passam ôcos e grazinas, pretextos alegres para alfayates... certo, elles provocam *hiatus* de desprezo na nupcia aureal dos teus labios d'infanta desdenhosa!

— Uma salsa?

— Sem gelo.

O meu amigo traçava agora o retrato do seu romantico:

«Extrema simplicidade de tons no vestuario; sempre de preto ou azul (as côres de Brummel);

a cara glabra dava-lhe um aspecto um tanto clergyman, olhos cheios de longe, musicos, pelo habito de se apasiguarem na alma beethoveneana dos ocásos — por cima de tudo isto a porção de grotesco exagerado e ao mesmo tempo de imponente que tráe logo *alguem, magot* que por acaso não saiu uma obra d'arte, Apollo por peças desencontradas, que, em justo equilibrio, dariam as linhas puras duma estatua grega...»

Ia colocando as palavras, umas traz outras, com cálculos saboreados de quem justapõe as suas pedras, ao *dominó*.

Como uma velha ignobil que mostra o craneo pelado onde se enclavinham chágas, a noite ia descobrindo, estupidamente, uma agora, logo outra, as suas pústulas — que são as luzes dos cafés, das lojas, dos passeios, dos teatros; e o meu ouvido escutava a sua voz plangente, macabra, irreal, em toada de cantilena, pedindo baixo, o desabelhar dos esturdios, a anesthezia dos taipaes, os ultimos actos das peças, o fenecer dos reverbéros, emfim, o bocejo cinzento da ante-manhan... Já o luar alagava todo o ceu, como uma cheia, o ceu côr de nevoeiro d'opala, onde as estrelas frissonavam como espaduas de mulher numa corrente d'ar, mas era uma lua de triumpho e de campo de batalha, meu Deus, já liberta da «palidez ophelica» contraida em viciosas frescatas com poetas

gágos, dirieis um *elan* titanico, expulso ao ar por herculeos haustos de locomotiva.

Ai de mim!

Ao meu recanto de *brasserie*, fóco lastimavel das vozes mais lôbregas e dos risos mais contundentemente farfalhantes, nunca chegará a gloria da sua Luz e eu somente posso, confuso e silencioso, notar-lhe a trajectoria magnifica: assim quem sabe se tu terás de passar, altiva e cheia de desdens, fóra do circulo mediocre da minha vida e eu apenas poderei recolher de longe, ulcerado de martirio, a curva incoercivel da tua imagem?

E estas suspeitas tomam corpo, ganham som no Waterloo angustiosissimo do meu pensamento, como uma phrase melodica que se vai acentuando e caracterisando, cada vez mais transparente, até se desenvolver em *motivos* similares duma musica triste.

Bem te vejo! bem te vejo, na sombria camara da retina! e a tua bôca—a tua bôca d'extase e d'orgulho—orvalha um sorriso lapis—lazzuli, matinal; poisas na minha aspereza os teus olhos inesqueciveis de lady Ligeia, em cujo rastro lunar quêdam, pacificados, os meus sonhos, os meus enthusiasmos, os meus orgulhos de rebelde, o mais diaphano dos meus gostos e o mais impecavel das minhas paixões—e, punhal escondido numa grinalda de myrtos, a duvida de não te merecer...

—CÁ'STÂO LEITURAS SÓ P'RA HOMEM!

Como essas verdes figuras desconexas que se alevantam e tresvairam nas visões dos epilepticos, um homensinho apareceu, com passos de pesadelo, dum tragico hilariante á Hoffman, as abas duma sobrecasaca prehistorica batendo-lhe desenxabidamente os cirios das pernas magras; caminhou para nós e com palavras que pediam misericordia ou azorrague, oscilantes, gesticulantes, dando bórdos, sugerindo destróços de calças em paus de janela, ás vaias cinicas do vento—n'uma vóz embuçada, ofereceu:

—Cá'stão leituras só p'ra homem!

O horroroso fantoche! Aquela figura era o substracto irrisorio da vida moderna, exhalando escarneo, suando ridiculo, salpicando de lama a face apolinea dos sonhos, das visões, da sensibilidade e da desgrenhada phantasia, e eu estabeleci-me doloridamente, na idéa de que ela seria o comentario infame passando a acompanhar com um rir estridulo de blasfemia, a historieta do meu amigo—como esses diabos cinicos que, nas velhas gravuras alegóricas, marcham atraz dos enterros.

—"...No dia seguinte, um domingo, festa famosa no passeio da Estrela.

Ella estaria lá!

O meu romantico, seis dias antes, já me fa-

lava d'*Ella*, por imagens musicaes e com um interesse tão comovido, com um enternecimento tão religioso, que outro mais positivo julgaria perceber nas suas palavras uma exaltação morbida do amor. Então eu apreciei, caro amigo, quanto a sua imaginativa ultrapassava, no bizarro, os catalogos extravagantes dos grandes armazens de Paris.

Ha mulheres que fixadas pela primeira vez deixam na alma, bem adstringente, a sensação dum perfume, ou muito intenso, ou muito tenue ou muito grosseiro, conforme são morenas, loiras ou sardentas; ha-as ainda, *misera conditione*, que sugerem imagens perfeitamente vegetaes, exemplos: as leitoras das chronicas politicas, as viuvas dos chefes de repartição, as mulheres dos influentes republicanos. Estas entidades são bem dignas, vá sem dizer, das comparações classicas de espinafres famélicos, couves repolhos e maleguetas afogueadas.

Ella despertára no meu romantico uma emoção toda musical; espectador deliciado, elle experimentava ao reconstituir a imagem bem-amada, o enlevo absorvente, a comoção super-estética de quem reconstitue as *phrases* duma melodia wagneriana. Isto conclui eu, durante os seis dias que antecederam o domingo, das suas palavras, onde havia o carmezim, côr do enthusiasmo, o azul vago e ocianico, côr da metaphora, o côr de rosa

palido do idealismo e do optimismo e os setins verde-mar, imponderaveis, que são o misterio e o symbolo, e até o roxo da rétorica, atufando em prégas scénicas.

Devo dizer-lhe que eu alimentava entre os enramados claustros do jardim, a curiosidade inquieta, nervosa dum artista que vae ser iniciado numa grande obra d'arte. «Se não viria...» e um tremor convulsivo chicoteou o seu corpo de bébé espigado, um sofrimento japonizou-lhe o rosto, tão remordente que cheguei a pedir ao Deus das velhas orações e dos livros de moral cristã — que *Ella* viesse...»

— ENTÂO NÂO ME QUEREM AJUDAR A VIVER? CÀ 'STÂO «OS AMORES DUMA FREIRA»... e o homem não despegava de nós, farrapo tropego amachucado pelos frenesis halucinantes da vida, imagem da cidade empenhada em escorraçar o ideal, para em seu logar erguer a kermesse das associações de beneficencia, da philantropia e da hedionda caridade; o homem não despegava de nós e tão prolongado para a minha *germania* que a todo o momento eu esperava vêr desprender-se-lhe do tronco, como fardo inutil e incomodo, a cabeça d'alcoolico, injectada, rolar para o chão, alcançar a porta, espalhar sobre os asphaltos das ruas e das praças, sobre o montão incaracteristico dos predios-jazigos, sobre o pesadelo de ca-

liça parda que é Lisboa, o seu fedor eterno, terrifico, ofensivo.

— «... de repente, que magico encanto! dir-se-ia ter havido uma pausa na fadiga viciosa dos olhares, na fealdade dos rostos, no tom murcho dos cabelos e no bambalear monotono dos passos de todas as creaturitas neutras que arrastavam a sua trivialidade e a sua ambição dum aspirante, e, clarão ilusório, pareceu-nos a nós haver agora nos olhos sem reflexo, minusculos frémitos d'azas, tintas alegres nas caras, lividas ha pouco, sobresaltos de viço nos cabelos murchos e um rascunho de viveza nos passos monotonos.

Era *Ella* e a Irmã.

Assim, sôb a claridade helenica do grande sol, se espiritualisam nos museus as estatuas que á luz grossa do azeite, tinham atitudes deploraveis de pantomima e de burlesco.

Corpos em caule esguio de flôr rara, nos seus gestos ha brilhos pulchros de filigranas d'oiro, maciezas plumosas, ondulações, impaciencias de calhandras presentindo o rosicler das manhans exhuberantes d'azul e oiro, castidades cuja mimosa graça aristocratica direis rescender a «chocolat edelveiss», distinções poeticas de *miss*, catividades astraes, volitantes, como notas fugidas d'alguma aria lenta, incomparaveis primaveras de *coqueterie* a mais não deliciosa e pura...

Vestiam de claro, rendas chá-hysson labirintisando nos corpetes arabescos duma chimerica tessitura, os seus olhares vinham para nós num rithmo hieratico; mas á sua natureza de timido pesava aceitar a idéa de que «Nossa Senhora notasse Triboulet», portanto, seria a ultima vez que as encontravamos.

Quando eu convencia o meu romantico a não esmorecer, uma banda, num corêto, tocava os *Palhaços.*»

—TAMBEM TRAGO CANÇONETAS BRÉJEIRAS, PÓDEM VÊR Á VONTADE...—a vóz desmantelada de *voyou* onde se condensavam as agonias e os aviltamentos, as materialidades, as paixões obsoletas, os cansaços e picarescas torpezas dos burguezes! O' interprete infame do impudor, do reles, do odio sem garra, das tendencias mercantis e dos servilismos, apupando-nos a todos nós, pensadores e artistas extaticos, que possuimos uma grande alma heroica e sufocamos e caímos sobre o palco estreito dos empregos publicos, entre os lazeres vesgos d'escritorio!

Mas como os antigos monjes que nas célas desguarnecidas afugentavam Satanaz, só com um ávido mover de labios, eu refugio-me na contemplação da tua Imagem, e é agora como se uma colonia zingara de passaros celebrar viesse no meu peito os seus concertos trans-

cendentes, espanejando o pouco d'alegrias que nele teia-d'aranham: eu sinto, eu sinto que ellas sobem para ti num religioso murmurio d'agradecimentos, para a tua Imagem que só as motivou, para a tua Imagem que tem as linhas solenes e fluctuantes das catedraes góticas e onde as atitudes resplandecem, como ogivas maravilhosas na hora extasiada dos poentes.

O' suprema razão do meu orgulho infinito, ainda hontem na archi-banalidade do teatro aonde o afavel acaso nos levou a ambos, eu pude recolher a certeza de que não sou para ti—*um-qualquer, indiferente.* No palco, um homem flácido, cheio de deslocações e agilidades, exhalava imundicie, era, apenas, mais uma forma execranda da mentira contemporanea, irremovivel, eterna. Eu recebia nos meus olhos (que te olhavam) dir-se-ia um afago de ramagens cobrindo de frescura e sombra um ermo triste e pude surpreender nas linhas puras da tua testa a cristalinidade do teu pensar, no teu sorriso tenro uma superioridade intelectual, desdenhosa do mundano.

Ah, ficasses tu sempre fitando-me assim com arco iris d'infancia nos profundos olhos de meia noite, e eu triumpharia da vida de baixesa, d'egoismos d'aço e raivas d'interesses...

—...E BILHETES POSTAES COM «O DESPERTAR DUMA NYMPHA»; SÂO MUITO BONITOS.

Era de mais. Eu contraí, em febre, as minhas mãos de anemico, finas e cerosas, e o meu amigo, indignado, levantou a bengala para o pelitrapo que fugia, com espavoridas pernadas de cegonha; assim, ó intangivel senso pratico, ó materia omnipotente, ó calculo, ó pilhéria, assim vos encolheis e debandaes, coxeando, ante a ameaça dumas bengaladas!

—«Quando, pois, eu convencia o meu romantico de que deviamos porfiar, uma banda, num corêto, tocava os *Palhaços*. Mas não era aquela estelar comunhão de sons, de formas e de ondulações que se escapa das orchestras, como um jôgo d'aguas, tornando a partitura italiana numa elegia lilaz do amor traído; era um aspero, insistente, selvagem delirar de harmonias, onde havia assobios, poses de galhofa, soluços reprimidos e raspar de risos, era, emfim, toda essa amontoação funambulesca d'estridencias que sae da vóz antipatica dos metaes.

Mas nós já não ouviamos os préstos retumbantes atravez de que passavam as esfalecidas suplicas de Pierrot e os sanguinos desprezos de Colombine, com figurações de phantasmagoria medieva, desenrolada em pannos muraes da grande época, alheios á algazarra e aos giros desymetricos da gentana, nós buscava-

mos agora e encontravamos, um ponto d'onde mirar discretamente — porque *Ellas* tinham-se sentado, e paes nobres, ouço dizer que levam a sua ferocidade!...

A distancia, na penumbra, viam-se-lhes os perfis onde o luar e a musica, o extase e o ritmo se fundem num acórde. Sentadas, havia n'*Ellas* uma tão excelsa christianisação nas atitudes, um tal opiamento na belleza nevralgica dos gestos que nos recordavam essas creaturas de Rosseti que parecem ogivadas por um pincel *em transe*, com tintas extasiadas.

De momento a momento, caro amigo, um angelico fio de luz mui benefico, parecia d'*Ella* librar-se para o meu romantico, fazendo todo translucido o intervalo de sombra separador... e em frente a nós viravolteavam, sonambulos, os burguezes — como noitibós atordoados, procurando um refugio consolador nessa atmosfera calma de claridades, pelos seus olhares estabelecida.

Badaladas para lá, numa sineta, e ia voltar-se a ultima pagina do evangeliario da felicidade: um frio de melancolias agitava as ramagens das arvores e os bicos de gaz que dormitavam; ao réz da herva as tigelinhas de barro deixavam cair, numa celeste expressão de magua, silenciosas lagrimas de cera.

E este soffrimento das coisas, não tão desalentado como a angustia do meu roman-

tico e o sofrimento do seu monoculo, alastrou-se-me nos nervos, produzindo-lhes um langôr espesso, mão oculta e cruel apagando-me todas as relações com o exterior, como a luzes muito vivas dum candelabro, um entorpecimento em que já não havia nem sonhos nem imagens, nem evocações, e a alma se retraía, sôb a presença *visivel* duma fatalidade, perseguindo-a, martirisando-a com a fixidez macabra de dois olhos de gato, phosphorentes no escuro.

... e Ellas tinham partido. Segui-las? participar-lhes «a ardencia dos nossos afectos» e «a constancia dos nossos corações»? ó meu amigo, que insuportavel trivialidade, que insofrivel horror! e não desviar um passo da trajetoria bestiaga do namorosinho lisboeta?

Abominavel humilhação...»

—...OU A NOVA CANTIGA DA ROSA TYRANA, NÃO QUEREM? ENTÃO NÃO AJUDAM A VIVER UM HOMEM DE BEM?

Lamurienta e jactitante, com rouquejos de rãs numa laguna verde, a voz do homensinho, rastejante agora junto a outra mesa, chegava até nós — corrente maldita dum rio d'aguas lodosas, engrossando, engrossando até formar um oceano imenso de ignominia, que já alagava toda a cidade baixa, apagava nas

lojas as claridades faiscantes das montras, desfazia miseravelmente os donaires arabes das plumas cujo aristocratico mimo e galanteria vão dizendo, parece, ritornelos sardonicos de conforto aos que nunca o tiveram, punha nodoas torpes nos albornozes de arminho e rapozas prateadas em cujo amoroso setim reside não sei que arrebatadora atração de pelle de mulher, alastrava cyanoses pulhas nos tons de carne-rosea-inubil das gazes, salpicava de baba caustica as vidraças das carruagens, rolando com molidões de preguiça... e, colera céga onde balouçavam, como mastros naufragados, cadaveres de sonhos altivos tornados estereis por entre a febre humana do chinfrim e o desespero vindo da injustiça e da miseria, craneos putridos de especulações, de mesquinhos negocios e labutas inuteis, agonias d'arvores derrubadas na vespera do parto mystico das florescencias, anatomias tisicas de reverbéros vomitando, pela guéla hiante da luz, o seu odio de não poderem reduzir a cinzas Capharnaüm... colera diabolica estrangulando todas as coisas onde ha inteligencia e consciencia — invadia, de rustilhão, os paraisos nitidos do lar, insultava sobre as mesas os doces remembers dos mortos, torcia d'esgares e mômos impossiveis os retratos austeros dos avós; e ia subindo e subia sempre e subia mais, agitava de vibra-

ções lubricas os fios bambos do telegrafo, galgava o cucuruto das egrejas e apupava, alfim, a inteligencia estoica das estrelas.

Mas o ceu desdenhoso conservava uma fria magestade sem saber que na noite ha vilanias, medos, clownismos d'honra e dignidade, monomanias e vertigens, dissipações da vontade e da pureza, ganidos d'odios, d'uma raça finda que estertóra; o ceu conservava a impassibilidade dum turiste assistindo da janela do seu hotel ao acotovelar torturado duma população extranha. E isto porque podia ostentar superiormente sereno e perfeito, o viço imortal do luar.

Mas tu não passavas, ó fugidia, eu não veria atravessar o asphalto a tua preciosissima escultura, desenvolta, elástica, penetrante; e cheio de desesperações cravei na orbita o vidro amarelo do meu monoculo para surpreender rictus de febres corroedoras, vicios zanagas, fastigios ameijoentos, nas silhuetas côr de ceruza do macadam tornado em lazareto. Porque sem a tua presença, todas as coisas quêdam nulas, infimas, inertes como pobres monjes desamparados da Graça.

— Empresta-me o seu lume?

— Pois não!

E o meu amigo, tendo recolhido duns dedos fôfos e gelatinosos o cigarro que arremessou,

concluia a idilica historieta do seu romantico. O que elle já me contára tinha-me ficado na memoria em zig-zagues de chamma, semelhantes a esses relampagos que nas bravas estampas tombam dum ceu de lôdos aflitivos.

— «Seis dias passados em contemplar o drama em porcelana côr de rosa e roxo palido dos poentes e em murmurar: «como é bonito!» e apenas as vislumbraramos uma vez, passando num carro, á Patriarchal. Era a hora em que os fura-vidas rareiam ás portas dos ministerios; primeiras convulsões da tarde debatendo-se na nevróse invasora do lusco-fusco, hora suicida, quando a agua balbucia humildades pelos caes...

No poente vitoriosamente belo, que Delacroix escolheria p'ra nelle espojar o estertor ululante dum anti-cristo, toda a parte ocidental da cidade destacava com um contorno saliente, como a querer libertar-se das vilanias e das vertigens — existencias cheias de lagrimas, de tristezas e preocupações vulgares — do infernal *struggle* quotidiano que a sufoca, meditando a ressurreição escalafriante dos cataclismos, desaparecer agora mesmo, dissipar-se em fumo... Se alguma coisa a vista podia apreender com nitidez, d'aquella agua-forte sinistramente indiferençadora, eram as janelas abertas, lembrando olhos obsecados pela visão das grandes ignominias dos «interiores» e

onde, aqui e alem, já trepidava a pupila epileptica da luz.

E dava assim a ilusão duma peça colossal de fogo d'artificio onde colaborassem o horror e o delirio, o medo, o fantastico enervante dum Edgar Poe que fosse pirotechnico; a *course à l'abime* da loucura que certas vezes atinge a estilo-clown de Barbey d'Aurevilly; tudo o que ha de disforme na dor e de aflitivo na miseria. Lá longe, na placidez monastica das aguas, costados de navios punham aras cinzento-chumbo, sobre que as linhas ethicas dos mastros iam murmurinhando *pater-noster*, cristianissimamente... mais distante, e, rematando, montes esfumaçavam, detraz de que as fulvas populações dos campos, com risos de beiços escarlates e juvenilidades pagans nos olhos garços, todas as manhans entôam a pastoral meyerbeereana da vida sadia — apupo cruel ao estancado alfacinha.

Depois... era mais um domingo.

Certos pintores impressionistas, quando nos querem transmitir as suas apercepções, ópticas puramente, ante um jardinete publico com vegetações municipaes, dão-se a empastar tintas sobre tintas, perdularios, num desperdicio infertil mas soberbo: assim o meu romantico empastava as razões mais pueris: uma borboleta branca, por exemplo, de manhan entrando p'lo seu quarto em curveteios d'im-

petos malucos; combinava a poesia ingenua da superstição com certos phenomenos de telepathia e magnetismo, a misteriosa corrente de sympathividade exercendo-se, a distancia, entre creaturas que se conhecem... para emfim me assegurar ali no teatro aonde nós arrastaramos o nosso desalento, para me assegurar, caro amigo — que *Ellas* não faltariam. Eu proprio, p'ra quem as religiões sempre foram formas mysticas da *scie* humana da toilete, eu proprio senti despertar em mim o fundo de catolico embuscado no mais positivo e uma oração, sutilosa, se me esfusiou do peito, com picuinhas de insecto, quando se levanta uma pedra á beira dum campo.

Wagner, o Shakspeare diluviano da melodia, recomendava a «sombra favoravel», para a perfeita compreensão das suas figuras musicaes: pois tambem eu e o meu romantico estendiamos sobre a nossa confiança preciosissima a «sombra» duma incertesa, para melhor as apreendermos, ondas todas-poderosas e gemeas dum oceano symphonico e sem esquecer um fio minimo dos seus cabelos, sequer uma prega, a mais tenue dos seus vestidos.

Subito, escutadas, parecia, por uma porta invisivel, que nervosamente se estivesse abrindo e fechando, vozes hiperboreas murmuravam por dentro, aos meus ouvidos: endoideceu a orchestra! endoideceu a orchestra!

E' que, meu amigo, uma vibração electrica de saude se produzira na tisica em 3.º dos instrumentos e uma mocidade exuberante golfava agora das gargantas vivas dos bordões. Ah, sumira-se, dissipára-se a jota importuna da «Alegria de la huerta» que dá a impressão de pular nas cordas a pé coxinho, merencorea, de boina e jaleco. Vermelha e festival uma musica se esboçava, acompanhada pelos globos, ao alto, no seu côro gigante, arquejante, eschyleano de claridades.

Cinco cadeiras a separa-l'*A* do meu romantico, tres cadeiras entre mim e a Irmã. Para lá d'*Ellas* a multidão grazina lembrava uma moldura execravel cercando um quadro divino... e quando lhes poisavam nos regaços as suas mãos eram colombas alvissimas aninhando num sobresalto esvelto. Avocada pelo magico poder dos seus olhos, toda a innocencia das coisas penetrava em nós e eram as horas azues da nossa infancia remota que reviviamos, quando mãositas gorduchas de bébés somnolentos se erguiam para Nossa Senhora, bemdita entre as mulheres.

E não despertar nunca mais! e seguir sempre desvendando a inscripção enigmatica de sonho que ha no arco tendido da felicidade...

Meu coração por ella bate
Eu sinto aqui muito bate-e-er...

Estes versos não seriam ainda uma vez mais, a vida, obesa e barbara, grotesca e falasona, tentando, em vão, reproduzir o inesculpivel sentimento intimo, como essas figuras impossiveis de madeira pretendem sugerir a imagem dum Jesus todo-perfeição?!»

O meu amigo esteve por um instante a saborear a intensa delicia das suas fráses, depois, com uma urgencia dolente, concluiu:

— «Ha oito dias que as não vêmos.»

Um garoto passava apregoando os jornaes da noite; e chamou com ancia, para mergulhar olhos vorázes nas partidas e chegadas».

Dezembro de 1909.

A APOLOGIA DO CINZENTO

I

O cinzento é a côr das melancolias de outubro e da saudade que devem sentir os frascos esquecidos, onde já resplandeceu a alma helenica dos perfumes; e o vidro baço dos dedos moribundos, onde já ardeu a triumphal aleluia das joias; e as ruinas hieraticas sonhando, no rigoroso luto das noites axaroadas, com o halito sonambulo do luar; e as pelissas perturbantes, memorando, no ergastulo dos adélos, corpos hebraicos de pecado que já envolveram . . .

II

Quando eu acordo do meu sonho onde tu outônisas o teu sorriso misteriosamente doloroso, philosophico e mystico a um tempo, sorriso de Rahel, *l'amie d'esprit* de Henri Heine; a testa constelada de diamantes e phalenas de

pedrarias, como uma Hespanhola do tempo de madame d'Aulnoy—quando acórdo e olho mal desperto, todo o ambiente do meu quarto tem um sabor ternissimo a cinzento. Mas, prompto, tudo se aclára sob o caustico apupo das realidades.

Ellas, as realidades, como a desgraça e a miseria, tem a crueza nitida do branco.

E agora me lembro, ó Enigmatica! Sempre que tu vens n'aquelle vestido branco que te dá um ar de camelia artificial transbordando d'uma japoneira de láca, presinto na tua mascara hiper-sensivel não sei dizer que frio desdem, que abre feridas rubras onde tóca.

III

Mas trazes o outro, cinzento... então o teu olhar é um afavel bilhete d'esperança.

IV

Sempre que vou a sair de casa e durante o meu lento *jour* dolente, se umas alvacentas borboletas surtem, n'uma farandola d'ébrias, machinal—a minha alma de supersticioso diz: não a verei!

Com effeito, ó amargura! n'essas noites, nas ruas por onde eu vou, solitario, evocando a tua graça a atravessal-as, só ha reflexos algidos de sabre—vindos da luz sequiosa dos candieiros que clamam, os deixem pegar fogo a toda a cidade, como o poeta Nero, do *delirium-tremens* das arvores, princezas exiladas do ar livre, apostrophando a injustiça dos homens; da face letargica dos predios, cansados de ver torpezas inconfessaveis, que não querem mais ocultar amores hediondos, vergonhas, miserias e roubos d'ideias, sonhando com a volupia dos desabamentos... emfim de todas as coisas, cheias d'uma angustia livida porque lhes falta a tua purificadora presença momentanea.

V

Hontem, no meu quarto, uma pequenina borboleta veiu chapar na claridade viva do candieiro, o seu rascunho histerico de sombra.

Tive-a, por um momento, fechada na mão em febre, a sensivel d'azas raiadas de cinza... Agora no jardim esperava que passases, ó Fugidia!

E tu vieste, aristocrata, altivola, senhoril, como um desenho de Gandara, figura d'Iphigenia, direita e alta «como uma bella planta

que crescesse sob um bom sol», delgada e esvelta, como esses colunélos das egrejas da renascença, alando-se, em impetos, ao ar, hossânas de marmore palido ao logogrifico deus da bondade.

VI

O vermelho esse é a côr do grotesco.

Ás vezes, n'um theatro, eu rememóro a tua Imagem notavel. Lado a lado, passam e veem e tornam a passar, como modulações similares d'um estribilho flácido, mulherinhas espigadinhas, meladinhas e identicas, fogachos sem prestigio, sem amôr, sem inigma, sem as perversidades loiras do Desejo, reproduções barbarengas d'aquelle barro divino com que o Deus fabricou a vaga e afrontada Eva (afrontada p'las odes dos poetas)... e essas manchas côr de lagarto que são os homens, sem o contorno d'uma extravagancia galharda e onde as ancias de libertação moral, de justiça, das renovações intensas devem passar como traços a tinta n'um mata-borrão, que os absorve e reproduz mediocremente.

Então olhando essa multidão saltitante de kaleidoscopio, eu tenho na vista um sabor a vermelho de sangue—o sangue que vão pingando nos açougues os porcos esventrados.

VII

Hontem, de noite, horas velhas, torturado pela angustia de não te haver visto, conversava com um amigo sobre litteratura scandinava, longe dos frenesis das gentes grulhadoras, n'um passeio sentimental.

E como a conversa tivesse derivado para uma novela de Blicker, onde uma perversão adusta aniquila duas existencias de catastrophe, nas vesperas da sua felicidade compensadora, eu sentia os meus enthusiasmos afundarem-se n'um atlantico de magua.

De subito, uns sons de piano para além.

—Vamos lá?

Era «uma infanta de Velasquez» que o meu amigo já encontrára, sumptuosa como um cardeal, pelo braço do seu fauno. E ella movia, embevecida, n'uma expressão sonambula de loira, a sua cabeça de aristocrata, amorosa e perversa, nimbada de dandysmo e *bêtise* archi-poetica—entre reposteiros sangrentos e athenienses garbos de camelias, Mimis da vegetação, fazendo sobre as mesas, com seus colóquios hiperboreos e transcendentes coqueteios, deliciosas *noces* d'um parisienismo astral.

Ah, puder eu escutar-te, perto de ti, na tua sala de musica!

N'uma imobilidade de esphinge, cravados na tua distinção risonha, os meus olhos dolorosamente sensiveis, eu, silencioso, em ti plasticisava a alma apolinea da musica, a *nec-plus-ultrica* figura d'olhares d'extaticos, pondo na nossa miseria as suas azas fluidas de meiguice, a afavel, a consoladora, a sóror-enfermeira Arte, que aos nervosos amansa o seu mal paroxistico de viver.

VIII

...E seria ao crepusculo, quando a dubia claridade se enclavinha aos moveis, tresvairada, e escuta mas não pode, atenta e se sobresalta, louca s'estrangula ante uma queixa convulsa que vem do chão—além, mais acolá...—e logo augmenta, rebôa, torvelina um instante e s'esfarrapa em soluços no ambiente, marcha do odio das coisas que vão ser subjugadas pela noite...

...e o Carcel ensaia pelo quarto a convalescença da sua luz, tão doce que dirieis uma taça de leite que se illuminou;

...e o vento irrompe lá longe, Beethoven do desespero, trazendo na sua voz a sinthese de todos os gemidos, de todos os gritos, de todos os apupos; cassas imponderaveis de sons, lamentações de rei Lear, desafios, rézas, tão

escalofriadas d'angustias suavissimas, como a *preghiéra* que diz a Gretchen na cathedral, murmurios submarinos de balada scandinava, onde um luar azula a nostalgia humida dos lagos, como um pranto luminoso por vestidos brancos d'Ophelias loucas; hossânas triumphaes, de noite, em hebraicas synagógas subindo e dispersando-se, borboletas incautas, na chamma azul-purpura—e oiro dos vitraes —brocados venezianos que sugerem, na luz, ticianas tonalidades de poentes vistas atravez d'um véu d'agua; cavalgadas de walkirias (bachantes libitinas d'olhos glaucos); conciliabulos de conspiradores erguendo punhaes, que silvam na escuridão como rasgões freneticos em pannos negros; notas de flauta povoando de sensiveis abelhas d'oiro o inquietante silencio da noite—lamentos, quem sabe, de vidas emparedadas p'ra cuja dolora não existe sequer o musico *mors-amor* d'um olhar, cujo desaparecer não tem *in-memoriam;* fragores de refréga em waterloos dramaticos de perdição; suspiros de gigante amoroso, encarcerado n'alguma esguia torre de menagem; chôros musicos de Aphrodites pagãs exiladas em furnas de coral, claras do luar lascivo dos seus olhos, esmeraldas incrustadas em marmore, calices verdes, fixos n'um tapete aquatico de nenuphares; emfim,—ondas longuissimas que se espraiam, velados tropeis de caravanas

á lua, com beduinos de alcatroados olhos abertos ás miragens, como morcegos encandecidos, cantando a agonia das vidas lazaras e sósinhas, entre ossuarios lividos de perigos e ameaças, vindas de tudo, que se refractam no ar em cabeças de horriveis Hecates...

IX

Ah, esse acaso que nos levou até ao palacete isolado, motivou-o, ó Inteligentissima, um *capuchon* cinzento, entrevisto ao entardecer n'uma montra bizarra.

X

Mas sumiu-se, escarnecido o céu de dalmaticas gritantes, que um bom sol helenisava d'adolescencias maritimas d'oiro-ruivo... o céu das minhas chiméras.

Outro veiu substituil-o, nocturno, pungitivo, aflicto, mordaçado de pavores: o das minhas desesperanças.

XI

Enganei-me. Tu nunca me fixaste, eu nunca te mereci interesse, ó minha Nossa Senhora do *spleen!*

E como não ha para mim no teu olhar, a força do bem querer, transfiguradora, tu verme-has, indifferente, correcta, soberana, escorregar ao teu lado—sombra grotesca e amachucada.

Horror!

Aquella figura impossivel, que ha pouco não desviava de mim o olhar circumflexo, não será, por acaso, o teu *futuro marido*, «esse bom rapaz, tão probo e respeitador, que tem um altar em cada coração»?

Não saber nada! ninguem saber nada! sermos uns dons-robertos pelitrapos que cada dia vae desengonçando e maquilhando de rugas, n'um galope escandente de Offenback!

XII

Eu ~~homem~~ quiz comparar-te ás grandes figuras dramaticas que veem sobre os palcos declamar a sua tragedia, d'onde escorre o luar enervante das melancolias incuraveis...

...e chamei-te Julieta.

Mas não! Julieta é uma pura flôr de morte, como as wilis da lenda allemã, noivas sem hymneu; por vezes nas melancolicas violetas dos seus olhos, eu surprehendo sabbats dolorosos d'espectros que fazem da sua alma aromal uma «*grotta azura*» de halucinações. Julieta é

a Biblia christã da dôr humana, que, cada um de nós, excentricos malditos, martyres lançados ao *colyseum* da vida, que cada um de nós traz impressa na sua carne, como uma tatuagem sinistra e imortal. Ha portanto no seu olhar a vertigem do infinito; elle parece que vem até nós, já adormecido no opio macabro do *au-delá*... e tu és inflexivelmente calma como um mar tranquillo!

Tu lembras essas virgens esveltas, flôres de lótus da pureza, que brilham, como medalhas enigmaticas, nos poemas sanskritos, e em cujas veias ha frémitos que são ázas satisfeitas, agitando de plenitudes o elançado caule dos seus corpos.

XIII

Mas não recrimino.

Que sômos todos nós, artistas extaticos, que uma familia d'imbecis traz constantemente irritados? eu o que sou?—uma alma que se atormenta.

Quando meditava n'estas coisas, na plantaforma do carro que te levava para casa, sem adivinhares que eu ia ali—hamlet grotesco no meu Elsenor d'escárneo—vi de repente surgir, á esquerda, o enorme espectro da cidade.

Dava a impressão d'uma joalheria ardendo

na convulsa lagôa de tinta da noite, tentando a luxuria e a cobiça, os desejos de roubo, as halucinações corruptas, a loucura incendiaria das multidões phrenesiadas.

Ah, não era a cidade prospera, farta, feliz que se entrevê rolando com um ruido alto e magnifico de *blue devills*, partidas *d'écarté*, idilios de joia e traições de léque, movendo-se tudo ao assobio cortez das chronicas elegantes.

XIV

Nem este amôr é o delirio dos «exquisitos gordos» que suspiram por Julinhas e Phélinhas e moram no bairro Estephania, em homenagem a uma princesa conhecida. Para esses, Desdemona, Julieta, Ophelia, Traviata, pertencem ás bibliotecas e ao cofre das emprezas theatraes.

Elle é, ó Superiorissima, ó Enigma perturbador, a voz suplicante, arquejante, anciosa, onde choram todos os sonhos despedaçados e as illusões despedaçadas dos poetas excepcionaes, almas irmãs da tempestade.

1909

OUTONO

(HARMONIA EM OIRO E VERDE)

A Alvaro Pinto

Estamos nas agonias do estio. Já o outôno ensaia abrir a sua pupila côr de cinza, elanguescente.

O vento nas arvores tem o ritmo magnetico das grandes paixões... e vão turvelinhando —silhuetas fugaces d'oiro velho— os vagabundos corações das folhas.

Pelos campos, entre os apêlos sonambulos da noite, é uma quéda em voz baixa, um chôro japonizando d'enigmas as catalepticas negridões, dirieis uma ária nostalgica de renuncia que as arvores—sêres de febre—fossem gemendo pelo sensitividade trémula dos ramos, nas vesperas de se librarem, hieraticas e nuas como dryades, ao sagrado misterio das nupcias hibernaes;—e erratica, perturbante, intensa, barbara, de cuja essencia afflicta parece revolutearem espectros de quantas inenarraveis angustias! resumos d'um seculo de nervos, convulsivo: de bôcas murchas que se offerecem ainda para a ultima comunhão d'um beijo, de braços subitamente paralisados para a victoria

ruiva dos abraços, d'aguias reaes moribundas fitando os cimos que nunca mais irão cortar com o punhal frenetico das azas, de corceis esbeltos que tropeçam entre o pó d'oiro dos hipódromos e escutam aplaudir os outros contendores, de vazios d'orbitas, aonde dantes vinham espreitar olhos veludosos de vinho, olhos adejantes reflectindo a perversidade auroreal de ephebos juvenis — extases de carne exangue, onde os nervos teem predominio sobre os musculos, e a pelle guarda qualquer coisa da chamma rósea d'um glôbo e do branco-lua de pétala de camelia dentro d'agua... belos, dessa beleza sonhante, sensibilissima, nevropatisada das paisagens da Escocia sobre que poisa um sol em surdina, dir-se-hia decomposto atravez dum store de seda violeta, como filtrado por um soffrimento, tanto a sombra delle parece morder no solo lagunas de carvão endolorido.

Foram-se os crepusculos d'agosto, crepusculos atrabiliarios de cidade, que parece que se revolvem em sangue como os sacerdotes possessos de Belona.

Agora os poentes apresentam todas as nuances phantasiosas das velhas tapeçarias. É um hymnario pictórico que vae do côr de rosa meigo, riso matutino de creança, ao rôxo opacento, cabochão de mitra arcebispal, o rôxo em que se comprazia no emmurchecer da exis-

tencia o olho de Deschamps, já morbidisado de fadiga.

Soluços vagos estilhaçam-se no ar, no ar que tão soberanamente puro, que de tão immortalmente calmo faz reportar a memoria ás origens da India—panthera humana da superstição—, quando elle era um deus vago e hospitaleiro dos hymnos védicos.

Eis a hora de Beethoven, amadornando as populações que abafam nas suas roupas asphixicas de cobiça; hora lilaz, em que os burguezes aspiram a vidas isóchronas de pendulo e os artistas, os hypernervosos, escutam remorder nos musculos a febre alucinatoria dos amores estereis; hora em que nas fundas alamedas dos parques as arvores ogivam attitudes de préce, apaziguadas já das inquietações coreicas em que esfuriavam minutos atraz; e nos grandes olhos de gomma vitrea das lagôas se estréla o presentimento fatidico da *canção do salgueiro*—como Desdémonas afflictas, estagnadas no terror da sombra que escorréga pelos troncos, maligna, ressumando morte, se insinua aos dorsos das raizes, vem-se fundindo á terra, traiçoeira, té que se revéla emfim, em *travestis* de Othelo vingador, sob o riso falso e frio dos mochos—almas d'Iagos.

...Uma estrela scintila com nevroses de caracter todo contemporaneo, como esses primeiros extases de sons que nas partituras an-

tecedem a graça móbil e noturna das simphonias.

...e a tarde cada vez mais se achega, com arrepios de tuberculosa, o seu manto cristianissimo da noite, tocada da nevróse goetheana de *licht, mehr licht*... as sombras andam sonambulas fluidificando as coisas, dando aos *carvões* dos predios-carceres uma alma latente de desesperos.

E quando, subito, nos candieiros da via a luz irrompe, tem-se a sensação dum grito, colossal, estrangulado, angustioso, que perturbasse um profundo silencio.

1908

A VIDA

(NOTAS DUM VADIO)

«Parece haver homens que nascem sôb uma boa estrella.

Até aonde vão as minhas recordações eu nunca soube o que isso é.

Minha tia, uma velha secca e aspera como cortiça, (não lhe paravam em casa os criados porque ella não lhes pagava, e por isso me recolheu por caridade) se os seus modos bisonhos a consumiam, costumava dizer-me que eu era um *tumba*, sem prestimo pra nada, que daria em vadio, n'um malandro... «n'um malandro, ouves?» E gritava-o bem alto, jogava-m'o aos ouvidos, como chicotadas, para eu o não esquecer nunca, o diabo!

E não esqueci. Aquellas palavras, sabem? davam-me a impressão d'um martello a bater, a pregar, a enterrar bem fundo a *minha* felicidade que eu, afinal, teria, em algum tempo, que me pertencia a mim, como molecula d'esse corpo sempre moço e triumphal — a terra, aos outros dizendo a canção escarlate da alegria. E certos momentos, quando nos ceus melodi-

cos se declara a crise nervosa de soluços, a que se chama o crepusculo e o lusco-fusco vae mamando o seu biberon de sombra e pesadelo... bem as escuto, com um murmurio inflexivel: ondulam na minha alma, são gotas d'um sangue frigido nas minhas veias, particulas d'aço nos meus ossos, fibras de pavor nos meus musculos, agitam-se por todo o meu corpo em sarabandas ébrias e monotonas de canavouras gesticulando ao vento.

A minha vida é uma caricatura, deformada e grotesca. Às vezes surprehendem-me a rir *sem* motivo, a rir como um bebado, a rir como um idiota... factos só por mim conhecidos, coisas pequenas, manhans brancas de desgraça, dias cinzentos d'esperança desenham-se-me na ideia em posições tão comicas e escocegadas que eu não resisto. Que querem! se não ha *lapis* com mais espirito, com mais ridiculo que a Fome e a Miseria!

Os senhores já repararam no burlesco d'uma bôca esgaçada e torcida pedindo pão? — mais um momento, e essa creatura vilissima, rebaixada, humilde que nos condoeu, far-nos-hia dilatar o rosto n'uma grossa jovialidade.

E os gritos? e as lagrimas? não teem lá dentro toda a expressão tregeitada d'um palhaço, divertindo-nos com um esgare inédito?

E porque é que no homem só existem

rudesa e materialidade, a ignominia e o obscuro heroismo?

Porque todos somos reminicencias das pedras, dos metaes, dos charcos, das raizes.

Certas figuras que passam — perscrutem bem — n'um tic-tac amarelento e inquieto, com a rábida preocupação de trazer uma ponta de febre ao ciclorama apático das ruas, parecem «vestidos brancos que veem da egreja». Todavia, ó sapatos de verniz, ó scintilações calmas de polimentos! quando passardes por elles, desviai — porque trazem lama na orla.

Um meu amigo, que tinha uma grande alma heroica e já fez a viagem pálida dos tisicos, poude encontrar, um dia, *a sua mulher.* Era sob os ceus de cinza, mortalmente lividos, de *dies irae,* quando a chuva, com acres deslocações de *chanteuse* de café-concerto, declamava, sobre o proscenio tosco dos asphaltos, a sua cançoneta estesiante.

Elle de guarda chuva, mas com um ar de principe da emigração poláca. Ella uma cabecinha furtiva de toutinegra friorenta, seus feitios vibrantes de franceza e com um desembaraço de britanica, escultura moderna de ancas orgulhosamente estereis, por não poderem fecundar um genio n'este British Museum d'imbecis, e tendo o culto estético das violetas — *rêveries* de Schuman corporisadas. Elle ia-se desfazendo dos bem-amados livros, para assim

a poder contemplar, borracho d'extase, no fulgor ficticio dos teatros; ella, cortante, rispida, metalica.

Recordações de quando foi minerio, insensivel ás surdas exaltações das temperaturas.

O mesmo nas coisas:

A desgraça, querem crer? tem a energia funebre e sinuoza das raizes.

E a moral? e a austeridade de caracter? não é verdade possuirem a solida naturesa do ouro?

Ó moral, da tua essencia fazem-se os botões das camisas dos burguezes e o castão das suas bengalas.

A vida — os senhores naturalmente sabem por ser uma coisa velha como a dôr e o odio — é um fardo opulento que esmaga. Ora eu, que tenho uns hombros fraquitos, sempre que vou a pegar-lhe, bate-me não sei quê nos olhos, como uma mão fechada, fazendo-me cair redondo e acordando o mais das vezes na cadeia.

De resto tanto me habituei *áquillo*, que ficou sendo para mim uma segunda natureza, uma parte integrante e muito querida da minha existencia. E curioso: escorraçados, como eu, velhos *habitués* do crime, cynicos e ladrões, ouvem falar na cadeia tremem e perdem a serenidade. Doidos, afinal! Pois pode haver mais liberdade que no calabouço? mais caridade

que a do pão requentado que nos deitam? maior esmola que a das tábuas onde descansamos? Ter *tudo isto*, e livres da acção envolvente da policia que vigia e nos dá guerra; todos estes *confortosinhos* e longe do nosso odio, da nossa inveja e da nossa humilhação, o espectaculo da riqueza, do luxo e dos prazeres.

Ah, eu ainda não lhes contei... A cadeia ficava ao cimo d'uma rua franca e bôa senhora... — Interrompo aqui para vos apontar uma impressão muito intima que vós não compreendeis.

Eu que sempre fui um sorumbatico, um desafeiçoado, conservo ainda da minha mocidade pisada, um grande amor — o sol.

E nunca pude definir a ancia que me animava quando elle vinha estrangular, com os seus dedos barbaros e tostados, o ferro das grades.

Chimera! Este sol que eu digo nem aquecia; e tão murcho e desalentado antes lembrava uma hemoptise da Luz. Então, quando eu assim o comparava, dir-se-hia manchar-se todo o lagedo da cela d'espectorações de sangue, e até, ó meus amigos, rectas frenéticas riscavam de sanguino, a curva arquejante dos meus pensamentos.

Porque havemos de olhar a vida com a luneta amarella das verdades? se toda a ver-

dade deixa n'uma existencia, por mais tenue que ella nos roce, o sabor odioso do cobre?!...

Gloria ao sonho! vergonha ás realidades!

Ellas teem a atitude grotesca e deploravel d'esses gessos mediocres, sahidos das officinas dos canteiros, onde cada linha deformada parece guardar a ultima demão do artifice, anjinhos de tumulo burguez, soerguendo braços valetudinarios, implorando aos abstratos ceus a misericordia d'um martelo, que faze-los possa em pedaços...

A rua; como vos disse—pacata e alegre.

De maneira que o edificio enorme da prisão punha na harmonia simples e caiada d'aquellas casas, uma immundice de nodoa alastrada em papel muito branco. Eramos muitos, lá. Quasi todos, rostos hirtos de vicio e derrota, alguns tristes, desertos e sem expressão.

D'onde vinham?—Dos bairros pittorescos onde uma multidão de cano d'esgoto pragueja inane, e morre de fome e de miseria; onde as ruas estreitas e funambulescas, enjoadas de ouvir, todo o dia, torpezas sem nome de bôcas sinistras e de ser pisadas por sapatos d'ourello, manteem uma compostura nauseabunda; onde nos botequins, todos vibrantes das sonoridades gastralgicas dos pianos, gente desfeita das fabricas, costureiras viciosas e prostitutas ameijoentas, gesticulam no vortilhão das suas conversas d'onde agonias gólfam e aviltamen-

tos, cansaços, premeditações de roubos e facadas.

Ah, essas figuras, em concavo, de bazar d'excentridades!

Tive sempre por elles, por esses companheiros, uma piedade egoista. Mas os que mais exaltavam a minha sentimentalidade grotesca de vadio, eram os pretos. Um principalmente... chamavam-lhe o «Macacôa» porque não tinham sorte nenhuma; commettia faltas pequenas e davam-lhe sempre grandes castigos, porque era preto, p'ra se rirem d'aquelle diabo— tão ridiculo, Jesus!

Tinha uma maneira de murmurar: «por amor de meu filho», que arripiava.

—«Era lá possivel! actor! um filho... isto?!» e elle retrahia-se, rastejava, os olhos tentando evadir-se-lhe das orbitas, n'uma expressão spasmodica de pavor, como ratos apanhados n'uma ratoeira.

Mas de que valem as troças, as vaias, os apupos? o que é a ironia?—um peitilho lampejante para não revelar o sujo das nossas camisas.

o

Quando entravamos liam-nos os regulamentos da cadeia. Artigo 4.º—«o trabalho é obrigatorio para os reclusos».

Um dia um, que tinha os dedos todos n'uma lastima, revoltou-se.

Era intelligente; dizia-se *pierrot*, morrendo pelos desdens tragi-comicos da vida—*colombine* voluvel. Soube uma manhã o seu crime; contou-m'o elle, todo prolongado para mim, cheio d'esgáres e deslocações. Eram remorsos? era o produto de uma exaltação morbida de loquéla, em certos temperamentos succedendo-se aos pesadelos? Não sei dizer. Mas eu assentára n'isto: remorsos, se elle os sentisse, teriam menos importancia no meu homem que os pesadelos de molas de arame e pedaços de estopa que devem sentir os polichinellos nas lojas dos quinquilheiros. De resto, não se dizia elle proprio—um polichinello? e não somos nós todos polichinellos com «fundo moral» d'estopa e opiniões, linhagens fidalgas, convicções, honra e virtudes de arame?!

Ó sabios, ó inconcussos, ó heroes de Africa!

—«Matára a companheira. Havia d'eu conhecel-a... magra, sem exagero, d'esses corpos afusados que as voluptuosidades adelgaçam, quasi espiritualisam; braços de canéphora ardendo de um reliogiosismo lubrico. Tinha uns cabellos anêllados e fortes, e movia-se barbaramente, com movimentos magneticos que gritavam alto gostos agudos... E havia de assistir á lenta dispersão dos seus encantos? espreitar, impotente, o declinio quotidiano do

seu fastigio? ah, aquelles olhos—dois hemispherios de vivacidades pulchras—iriam tornar-se mortiços? e alcachinada a frescura da sua pelle? era, pois, irremediavel que semicirculos de rugas viriam traçar-lhe, de redor da bocca, arabescos de um ridiculo intoleravel? Quantas torturas!

Contou-me tambem as horas passadas em seguir na rua curvos casaes de velhos, a estudar-lhes a ruina dos rostos; os esforços improficuos de abstração para lhes surprehender nas corcovas gebas dos malares, nas prégas gelatinosas das palpebras, a antiga mocidade e os antigos rubores, as mortas alegrias, as longinquas sensações...

Então, ulcerado de martyrios, estrangulou-a.

Mas torturavam-no agora grandes ciumes: pensar que ella ficaria para todo sempre entregue ás bochechas libertinas dos vermes, globulo a globulo embebedando-se com o seu sangue, até abandonal-a como uma forma indeterminada e repelente.

Deixal-o! A ultima imagem d'ella conservada continuava sendo a de uma maravilhosa tulipa de carne».

Curiosa esta prisão pela disparidade de *typos*, para quem tenha preoccupações de analyse. Nenhum por roubar uma *corrente* n'um ajuntamento ou lenços d'assoar, ou por ana-

valhar outro sob a excitação reles do vinho ou por traição de amantes torpes.

Querem crêr? N'estas creaturas o crime seria um desvio macabro do Sonho. Quantas coleras mudas, na verdade, quantos vôos constantemente de rojos, quantas caminhadas perpetuamente na lama, quantos odios deante de triunfos indevidos, de acclamações irrisorias, do bem-estar canalha, quantas lagrimas de desespero e esfalecimento na lucta, para alfim, ser, apenas—o n.º tantos da secção tal!

Um baixo, crispado, com um ar de soberana e imperturbada impassibilidade entrou durante a sua demora transitoria por lá, nas minhas confidencias.

A gola da blusa levantada dava a impressão de que tinha sempre frio. Com effeito arrepiava. Estava-se á sua beira com a sensação de permanecer na humida intimidade dos subterraneos. Quando fallava do «seu futuro» cravava-se-lhe ao canto dos olhos não sei dizer que fantastica indiferença, ali ficando a noctiluzir com uma fixidez halucinada, logo traindo um monomaniaco do suicidio.

Eis aqui a sua historia:

—«A sua vida? —era um quadro hofmanico a duas tintas: o cinzento e o sanguino. Nem arvores nem o grande sol, pondo cambiantes rosa e oiro, nem a vivacidade dos regatos, poetas ruraes entretecendo sobre a

relva frescas éclogas decadentes. As arvores lazaristas, os carvalhos — missionarios de capuz verde negro, fugiam de prégar o seu «sermão da montanha» a uma região tão pervertida e endemoniada.

Luz, nenhuma. Apenas uma sombra livida, colerica, insistente, projetada pelo sol das outras vidas por ele acotoveladas na lufa-lufa das ruas, que se sentavam com ele nos bancos côr de chocolate da Avenida, de que ele aspirava o tenro aroma, escapando-se dos andares, do olhar sinuoso das mulheres, do fascias tranquilo dos homens.

Como vêem — um cinzento amargo.

Ah!, mas o *ar*, a atmosfera, o *ceu*, esse tinha uma coloração vermelha de crime.

Não ha vida que não possa ser representada por uma imagem material. Assim, revelem-nos quaesquer factos de certas existencias, e a gente vê, nitidamente: dorsos curvos, espinhas desprezivelmente vergadas, semblantes viris duma arrogancia impavida e triunfadora, viuvas mudas estendendo a mão, toiletes doidejantes em grandes linhas ébrias de *chic*, garrulices de pierrots resaltando com tons sadios d'aguarela inglesa, e chagas incuraveis...

A minha vida é isto: qualquer coisa amolgada, rolando, aos empurrões, entre paredes de ferro. O motivo do seu enclausuramento era simples: matara-a e tentára matar-se depois.

Toda a mulher ama sem quasi nunca refletir na belesa oculta do seu preferido. É preciso, por conseguinte, que *o seu exterior* tenha o feitio geral e tenham o feitio geral a forma dos seus sapatos, o talhe das suas rabonas, as linhas quebradas do seu bigode e a trivialidade das suas maneiras e modos de vêr — que tudo seja *nele* identico e monotono.

Um dia destacou-a.

Magra, nervosa, irisava o ar da graça ingenua e flexuosa que havia nela. Um gostó requintado em envolver-se de veludos negros e austeros. Lembrava o Norte, os gelos hieraticos, trenós atravessando vesanicamente a solidão grandiosa das *steppes*, pelissas traçando no ar espiraes caprichosas... e seguia-a, mas sem esperanças.

Contaram-lhe que estava apaixonada por «um rapaz sério, de boa familia, bom comportamento, que havia de fazêl-a feliz».

Ó Deus injusto! Ele *via* já o homem em camisola d'algodão e chinelas, passando-lhe os dedos pelas costas, com chulices de taberna.

Quando ela teve o ultimo estertor levavam-no, em sangue, para uma enfermaria do hospital de S. José.

Vou terminar estas notas desconexas e pobres:

Sempre que eu acabava o meu tempo como vagabundo, o director da cadeia, á saída, di-

zia-me: — «Agora vêja lá se volta a caír nas faltas cometidas, acostume o corpo ao trabalho, não seja mandrião!»

E com uns magros vintens, certificados cheios de pontos escuros e a minha liberdade — partia a tentar a vida.» (1)

1909

(1) Para os terriveis discipulos da escola naturalista ha-de parecer desgraçadamente *romantico* o facto dum *vadio* escrever tão "dificil„ e chamar a interprete dos seus grotescos infortunios o moderno dizer febricitante, o vocabulo bohemio, serpentino, de patria errática, arco-irisado de imprevisto, que, pelo som e pela côr, melhor morda no ouvido e na retina...

Numa sociedade em que os asnos invadiram todos os logares e são: literatos conceituados, jornalistas e banqueiros, amanuenses e directores-geraes, pilotos batidos nas noitadas de S. Carlos, infaliveis ao cicio das aves migradoras da grand'arte, os ungidos das languidezes plumosas do mundanismo, — que admira os inteligentes, os suprasensiveis, os complicados consigam ser, apenas, os vadios?!

ESTUDO PARA O ROMANCE DE DOIS CARACTERES

Ao Fernando Pessôa

Sob as *boutades* gaulezas da chuva que dir-se-hiam notas á margem comentando o final de vaudeville a esbandalhar-se na lama, os dois amigos, que uma curiosidade mutua, hiper-aguda, agora irmanava indestructivelmente, vinham marchando no Crepusculo egotista, ataxico á força de, em vão, ter querido surpreender um rascunho de sinceridade e motivos superiores nas monomanias e nas vertigens, nos esforços e nas traições, nas crucificações e nas cobardias, nas materialidades e nos odios que cada dia vae erguendo para elle numa espiral de fumo de cozinha.

Ah, era um sadismo d'agua torsionaria, uma chuva rispida, sem lirismo, d'essas que sinistrisam de mortaes angustias o olho côr de môsto dos lavradores; uma chuva em que o espirito se recusa a constelar-se de sonhos porque, p'r'alem, em qualquer parte, detraz das persianas cerradas, só adivinha ridiculas farças, destinos escuros, horas vêsgas; e na lanterna mágica das ruas creaturas neutras,

com bigodes de actor e opiniões proprias, linhagens fidalgas, convicções sérias de actor, perseguem com tossesinhas merencóreas galatheas desenxabidas.

E eram teorias de penteados e chapeus babylonicos que lhes passavam rés-vés, teorias de barbeiros diplomatas e amanuenses diaphanos, hortaliceiras da alta-gomma e *leões* horridamente cabeças de bichano, de casacos, fardas, chapeus altos, côcos, carapuças, bengalas e tacões tortos, curvando-se, derreados, ainda! pela anemia romantica do «noivado do sepulchro» e com as olheiras de bistre da «Festa de caridade», — anemia e olheiras que são grotescas mesmo assim dentro do proprio grotesco porque, atravez, um olho verrumante como que surpreende um vago motejador de couplet de «Madame Angot».

E estas mulheres palidasinhas, perversasinhas, cochonesinhas, parecem todas apostadas em repetir, qual com mais infidelidade, as idas e voltas dos romances de 3 fr. e 50 de Bourget, em copiar, sem veia alguma, todos os bric-á-braquismos da «Phisiologia do amor moderno», que os seus maridos e irmãos lhes trouxeram das excursões baratas a Paris.

Não são corpos gráceis e afusados, guardando o ar dessas esguias floreiras que teem no tôpo a mancha nervosa dum crisântemo, condensações de musicas e auroras, vivazes

como taças d'orgia; mas manequins impertigados, nulos comparando-os ás *proffessional beauties* do lá-fóra, com muito pó d'arroz nos cerebros d'algodão, paradoxos gágás, manias de bibetôtagem e agua de Colonia enxarcando tudo, traduzidos em galego, para o ar livre, das paginas de M. Paul.

E os homens! ah, os homens! Marneffes, Camusots, Du Tillets, Vernous das «Ilusões perdidas», e Bazilios, Rufinos, Gouvarinhos, recitando ora os monologos realistas da *Comedia Humana* e dos *Maias*, ora atirando rajadas hugoescas dos *Miseraveis*, logo baixando á linguagem de boião de mel de Pierre Loti e atolando-se nos desbocamentos vermelhos do lirico Mendés, elles não conseguem ser, neste desmanchar de kermesse duma nacionalidade, mais do que fantoches de guinhol faceto, minados do cancro das bôas-maneiras, dons-robertos pelitrapos enojando-nos com as suas fifias de escanzelados.

E cada homem pelo braço da sua mulher, cada mephisto murcho e bisonho no encalço da sua margarida de *strass*, infeliz e dubia, cada falstaff gordanchudo e reboludo perseguindo gordamente a sua miragem duma perna de capão, elles e ellas dando ás pernas com desalento (como nas paginas dos nossos poetas, dos nossos novelistas e dos nossos criticos d'arte cada substantivo vem com o seu adjectivo,

cada verbo chega com o seu sujeito, derrancadamente, em atitudes amachucadas, formando assim fráses idiotas, alegorias macacas, piruêtas retoricas e assobios conceituosos); todos, mas todos caminhavam, já com movimentos aváros de espinafres batidos do vento, já com cadencias de barcaças acossadas pela vaga, pondo uma chateza de vinhetas jeroglifadas neste livro d'escandalos drolaticos á Brantome que é Lisbôa, traíndo-se, prostituindo-se por aforismos.

E nem uma só figura perturbadoramente original com seu luxo desenvolto e scenico, sua viveza de serpente, movendo a curva esbatida das ancas numa isenção hieratica d'esteril, a dar a impressão duma chicotada petulantissima, audaz, castigadora da cara solerte d'aquele meli-melo agandaiado de côro de revista.

Porque emfim... todo esse mundo identico vinha a ser uma consequencia logica do *momento* imoral que dir-se-ia crispava o ventre da cidade.

E era do bafo intoleravel, exalado dos predios, da madorna betuminosa que pesava sobre as fabricas e os bancos, áquela hora como giboias repousando depois de terem digerido todo o dia perdigueiros lividos e magricélas, era das gesticulações das luzes dos cafés, dos armazens de modas e d'ámargem dos passeios,

rompendo o ergastulo dos globos para virem espojar-se junto á animalidade dos asphaltos, onde certos aspectos do mosaico sugerem grandes olhos coruscantes, escandecidos de devassarem marmores veinulados de pernas, espumas multicolores de saias, rescendendo ao halito estésico das alcovas, meias de seda e ligas estonteantes; era, emfim, do forte fedôr a tolice humana que rolava das livrarias e mais: das respirações inquietas da gentana, enchendo as ruas, os largos, dizendo asneiras nalguma esquina celebre, parando ás montras das lojas ou absorvendo, com metodo, góles de mixordia, da gente que sofre, que labuta, esmorece e rasteja, automaticamente, vazia de cerebro, — que á Natureza tambem advinha o ar absurdamente besta que a revestia.

No entanto fazia vinte seculos que um loiro e mistico epileptico tinha nascido para prégar o Bem, a Verdade e todas as coisas justas.

Fazia vinte seculos que o tinham crucificado os mesmos burguezes que, em sua gloria, caíriam bebados na *media-noche* obesa das familias.

O

Numa epoca em que toda a gente, com uma obcessão divertida, fixava os grandes

olhos parvos de kangurús em *Z*, um tal, ministro, que havia de suceder a *X*, tal outro, demissionario,—Emilio e Gustavo, num isolamento aristocratico, liam Tolstoi, Dostoiewsky, Gogol, Ostrowsky, o *Ramayana* e o *Sama-Veda*, o *Rig-Veda* e o *Mahabárata*, a *Biblioteca das sciencias contemporaneas* e as diatribes clastomanicas do phisiologista Max Nordau, Shakespeare e o *Journal des Savants*, e mantinham secretamente, como uma nervosa lampada votiva, o culto goetheano da Grecia do Paganismo. O mesmo desdem magnifico pelas ternuras de familia; o mesmo instinto atávico de vagabundagem que já impelia os Aryas, no seu sonho mystico para o Oriente, mais tarde despolarisava os Phenicios, com a sua monomania centrifuga de instabilidade, que de geração em geração, sempre, sempre, viera atingir a sua forma olimpica e perfeita nesse heleno-latino Lord Byron, Ashaverus do *spleen* e a elles os levava em marchas, para longe, onde escapassem ao grifo deprimente do *homo silex* que as civilisações ressuscitaram; o mesmo sentimento de intransigente analise com o qual olhavam todas as coisas, um odio egual, nevrotico, desconcertador, por quase todas as frases feitas que um habito imbecil consagrou e os philisteus repisam imbecilmente, e então requintes particulares, fraternos, da vida psychica: a impressão de voluptuosidade intele-

ctual e organica, triplessenciada, que a chuva lhes produzia nos nervos de aristos, hipersensiveis, sobrexcitando-os doridamente, assim como certas montras bizarras duma japonezeria extranha e fiévrosa; as nuvens que rolam cheias de cinza, num ceu brumatico, como corpos nús, atropelando-se, debandando d'alguma Sodoma androgina, destruida pela colera d'um Deus; os amorosos lilazes irradiando n'um copo a sua nubilidade mimosa, cuja folhagem parece beber na agua o philtro magico, fecundante dos amores de Tristão e Isolda; a côr de ametista vibratil do champanhe que a Emilio tambem o reportava, convulsivo, por uma instantanea associação de ideias, ás lutas athleticas da antiga Helade, á graça rithmica das suas solenidades religiosas, ás *canelures* dóricas, volutas jónicas e frontões polichromos da sua architetura; e ainda as reproduções de certas esculturas internacionaes do francez Rodin; fitas côr de berilo e oiro-sol, cingindo com frenesis libertinos lascivos cabelos perfumosos de loira ou de morena; o mesmo desprezo atróz pelo burguez, jornalista ou literato, republicano, anarquista, industrial, pelas celebridades muito divulgadas, pela exteriorisação de todas as homenagens, desprezo altivolo (em Emilio exageradamente egotista) que na rua os levava a quasi não olhar ninguem, não podendo—por uma espe-

cie de delirio de profundar tudo—, como os antigos monjes, possessos de catolicismo e o Des Esseintes de Huysman, subtrair-se ao duro contacto do labôr quotidiano, do *struggle* do soldo a soldo, mesquinho, desprezivel, americano, em que os vivos queimam, coração leve, a borboleta da sua ancia irrefragavel de sonho... Tudo isto, pouco a pouco, constatado pelos dois, com mimicas vermelhas de regosijo, viera estreitando as suas relações.

Emilio, mais novo que Gustavo dois annos, era uma figura sêca e franzina, em cujos olhos duma tristeza infinita e serena, em cuja mascara imprevista de pezadelo, a vida parece que teimára em fundir todas as nevróses, caprichos morbidos destructores da vontade e do caracter, que pelos seculos fóra ella tem vindo a acumular.

Com efeito: irritabilidades deante dum mau quadro ou dum acto de malvadez, das conversas, onde o philisteu chupa, ao desespero, o cigarro das suas parvinhas opiniões ou da prosa calma, dócil á força de cosmetico, da prosa arenque-fumada, com resguardos de baeta e maximas de João Felix por via da compostura, que é o rabo-leva das literaturas contemporaneas,—de tudo, em suma, que o philisteu consagra ou venera, ou festeja ou adopta, e pelo exatamente oposto, entusiasmos calidos, fogos de bengala de ditos, saphi-

ras de humor feliz, danças de S. Guy de paradoxos, vitraes de lucidas sinteses, flexas vivazes de sol; terrores nocturnos, halucinações, sonhos de ter o craneo aberto e bicos d'aves raivosas lhe estarem repuxando o encephalo, fibra a fibra, de ver uma esquelética mulher côr de absinto, toda angulos, o olhar em adaga, estender para elle os braços filiformes, pegajosos como vermes, e acordando então em suores d'angustia, pedindo—luz! luz! luz!—Meu Deus, não saiam d'ao pé d'elle, ah, não o deixem p'r'ahi só!—; incompatibilidades subitaneas para atravessar um quarto ás escuras, não vão retê-lo devagarinho, tentar sufocá-lo alguns invisiveis dedos malfazejos; um horror fisico pela finalidade, desvairamentos por ter de ficar na lôbrega intimidade da cova, insensivel ao tohu-bahu convulsivo que faz a vida esbofeteada pela Dôr; uma extrema timidez e o amor exagerado pelos animaes, (1) a megalomania e a psicopatia da du-

(1) Emilio era o que Guyau chama um fetichista ou naturista. Para elle cada objecto exterior possuia ou uma ululante malignidade ou uma alma toda nervos, ataxica, uma alma-frisson. Assim certas coisas imoveis, onde dir-se-ia uma voz implora num intimo longinquo, sugeriam-lhe vidas que estagnam em angustia, sofrendo a melancolia suicidante dos mudos, desesperos em voz baixa, sorrisos diafanos dealbando nuns labios juvenis, sem esmalte, á hora de morrer, já quando os olhos murchos ulcéram de soluços gorjas de mãe semiroucas.

vida, a melancolia exacerbada no momento conturbador dos crepusculos, tão viva, terrivel e martirisante que dirieis um gume de sabre riscando na espinha dorsal, atrocissima e glacida a ponto de lhe ser forçoso voltar-se a cada momento, como se um olhar d'odio o traspassara; uma brava alegria se tinha noticia de naufragios e explosões de minas, massacres ou catastrophes onde baldeiam centenares de pessôas (oh, que expressões de agonia cruel a surpreender! incomparaveis, completos, japonizantes rictus de estertor, fascies tão voluptuosos do calafrio fulvo do *in extremis* como os de Rochegrosse na sua «Morte de Babylonia»!); a acrescentar ainda, um desgosto irremovivel pelas horas do dia, quando o sol, grosseiro Offenbach, anda viravoltando nos salões das praças, pelos corredores das ruas, polkas de luz ribaldeira (1) que lhe acendem

(1) Elle só tolerava os dias cinzentos, outônaes, dum frio acariciador e voluptuoso, dum frio que sugere contactos de veludo e onde parece que ha plumas, nervos agudissimos de *miss* tuberculosa e nostalgias soluçantes de sol; e os dias d'inverno, beethoveneanos, em que toda a materialidade se funde numa melancolia quase phisica, esfaceladora, remordente como a ulcera imensa do corpo de Job, e, pingando, sob o sarcastico ceu alcatroado dos guarda-chuvas, se sonha com viagens, se plasticisam aspirações: as caravanas que param, nomadamente, junto ás aguas doentes das cisternas, emquanto na tarde azul-purpura-e-oiro palmeiras se

no cerebro a *scie* orgulhosa de em todos os vultos só ver inimigos irresponsaveis, pequenos monstros infectos, apostados em irritá-lo; tudo coincidindo, para mais, com phenomenos phisicos, taes como: fraquesas musculares, sensações de torno e de capacete na cabeça, perturbações digestivas... tudo, com effeito, dizia eu, conspirava em Emilio para o lançar, Deus

imobilisam em atitudes budhistas e o crepusculo constéla de angustias inenarraveis os olhos nazarenos dos camelos; viver com pescadores em cabanas encapuchadas de neve, no elyseo paiz dos *fiordes*, ouvir-lhes as lendas cheias de presentimentos e da religião estatica dos povos irmãos da bruma, ás horas em que a lua, como um ladrão surprezo, deixa cair no fundo dos lagos fabulosos colares de pedras preciosas, cujos fios de prata se partem, espalhando-as; dormir com os pastores, sob o mesmo manto, á claridade das estrelas; aspirar em leitos de sátrapas a mândrágora venenosa das luxurias halucinantes, ou numa alcova gótica, quando os poentes-médiuns evocam sobre os moveis cambiantes flores que esplendem e se esfolham, deixar a imaginação errar em mundos translucidos, sofrendo o doloroso maleficio da musica, envolto na tunica cristã das penumbras; emfim, num magestatico aposento de antigo palacio, junto dum fogão e aos pés duma lady Lygea, declamar paginas modernas, altivas como aguias, dum phantastico rithmo febricitante... e toda a familia escuta num pasmo obtuso, e no velho jardim a chuva suplica — amante preterida — e o temporal regouga, atira contra os vidros, com apetites zolaicos, a virgindade violada das arvores.

o sabe! em uma hora maldita, á carbonosa noite da loucura.

Na sua marcha, por cada cinco minutos, conforme as sensações vertiginosas, dominantes, surpreendia, ora o andar resoluto, hidalgo, *frappant du talon*, como em Barbey d'Aurevilly, ora o passo irregular, delirante, dos diabeticos na escuridão.

E quando ria, um riso por pausas curtas, sibilantes, lembrava essas facesinhas sem dentes, caricaturaes, dos bébés que têm um ar de vélhinhas trôpegas memorando não sei que gasto entrecho de tragedia classica. A reflexão, d'onde, diz Taine, vem a melancolica moderna, transformava, certos dias, essa mascara talhada no bronze de Miguel Angelo, numa cariatide de sombras desgostantes.

Tinha só vinte anos, mas no enigma da boca, no palôr dos olhos, cuja luz vem para nós com «tics» de dedos tremulos sobre feridas, na curbatura patrícia do tronco, uma maturidade lazara, murcha, cançada, errava, como phosphorescencia da mocidade morta bem antes de ter nascido, traindo o frenesi duma existencia toda debruçada sobre livros e imagens tristes, donde parece que goteja o sangue de espiritos esperecidos de insonias, escruciados em torturas de prometheus.

Sobrio de movimentos, como um oriental, os seus gestos eram raros e simples, instanta-

neos, electricos, semelhantes aos primeiros *efforts* dum incendio latente.

Oscar Wilde, levando ao delirio o seu requinte nevrotico: crear animosidade, passeava em pleno Pall-Mall de Londres em gibão e calções, com um toque pitoresco na cabeça, um girasol na mão. Pois no meu vagabundo lucido, no meu desalentado sardonico o mesmo bysantinismo megalomano. Durante mezes vilhe eu na orbita esquerda, mordacissimo, um extranho monoculo, óca de côr.

Tinha o amor pelos costumes sumptuosos despejando-se em prégas hieraticas, evocadores da grand'epoca, ultra-decorativos, que, segundo os phisiologistas, é uma aberração do instincto da especie. E como nascera pobre afligia-o não poder ostentar um dandysmo cuja caprichosa geometria fosse antisocial, irritante.

As raizes psicologicas da *vis* morbida de Emilio vêm em todos os tratados sobre a degenerescencia dos egotistas, motivo porque eu passo sem as enumerar (1).

(1) Como "origens„ podem citar-se em primeiro logar: a hereditariedade. Pae nervoso com anomalias de conducta, mãe demi-histerica com tédios grisalhos e a susceptibilidade mais bizarra nos aparelhos da digestão; uma ascendencia deliquescente de tisicos e nervosos que por si só já prognosticava um producto malsão no nevropatha actual com caracteres fisicos, tipo-re-